



“A Alegoria da Caverna” de Platão a Comunicação Social Contemporânea¹

Shirley A. de Oliveira²

Resumo

Este artigo científico com abordagem fenomenológica apresenta um paralelo entre a ética e a Comunicação Social na atualidade. Conceitua o Bem como entendia Platão, o atual termo “Cultura de Paz”, além do que, preconiza as divulgações da ética, das ações de bem e da própria Cultura de Paz nas notícias jornalísticas, como uma possibilidade de propagar a eles mesmos e, assim, incentivar os consumidores da notícia a modificarem seus próprios comportamentos, o que terá como consequência, a mudança da própria matriz da notícia.

Palavras-chaves: ética; bem e jornalismo.

1. Preâmbulo

Este é um trabalho que tenta racionalizar a possibilidade de os veículos de comunicação educarem seus telespectadores, leitores ou *internautas*, consumidores da notícia, através da ética, a produzirem o bem. Mas como essa produção do “Bem” poderia vir à tona se a pauta do dia nos jornais veiculados é a violência e o escândalo? Será que a banalização desses produtos facilita o entendimento de que esses itens são normais e corriqueiros?

Por que o jornalismo atual veicula tanta miséria, escândalo e sensacionalismo? Por que os meios de comunicação adotaram um quase axioma de que a miséria está em voga e deve estar nas notícias ou na comunicação como um todo? E por que as pessoas se deixam atrair por esse tipo de assunto?

Por que não são divulgadas as boas notícias nos veículos de comunicação de massa? E de onde saiu a afirmação que, insistentemente, os veículos de comunicação de massa querem comprovar que a miséria, violência e escândalos dão audiência? Será que é porque, de fato, é a única opção de notícia? E se a audiência das notícias negativas se

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo pela Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana (Unef); Apresentadora, editora e idealizadora do Telejornal “A Hora da Boa Notícia”, veiculado na TV Salvador, em Salvador – BAHIA. E-mail: shirleyoliveira@horadaboanoticia.com.br.



der apenas por uma questão cultural, ou seja, por falta de outras opções, os brasileiros acabam por consumir a violência? Será que a violência gera violência? E a solidariedade, por exemplo, será que seria exemplo para um telespectador ser solidário também?

Estes são questionamentos ainda sem respostas concretas. Em caso positivo, poderia ficar afirmado, em algum momento, que o “veículo de comunicação de massa” além de ter suas pautas influenciadas pela sociedade, também influencia o comportamento dos indivíduos.

Não há uma explicação para esse fascínio e essa afirmação midiática de que, na miséria, encontra-se audiência. Não se trata de maniqueísmo, mas uma proposta de comprovar que a notícia *cult*, leve, visto que não há uma expressão para denominar a notícia oposta ao sensacionalismo e desgraça alheia, que é essa notícia saudável, que a partir daqui, será referida como a notícia da “*Cultura de Paz*” consegue uma audiência similar à outra.

Diante da afirmativa que “violência gera violência”, a *Cultura de Paz* também pode gerar ações equivalentes, fazendo, portanto, uma “corrente” de boas ações, levando o consumidor da notícia a praticá-las, ou seja, incentivando-o a repetir, não a mesma ação divulgada, mas a se sentir capaz e gerador de boas ações tanto quanto daquelas veiculadas.

Definitivamente, seria uma comprovação de que a disseminação de boas notícias influenciará no comportamento humano. Esse assunto será tratado de forma qualitativa no sentido do uso da divulgação das ações solidárias, científicas e culturais e até que ponto ela interfere ou influencia o comportamento humano.

Será que a fomentação, através do jornalismo nos meios de comunicação, de uma cultura prática e efetiva sobre a Paz, educaria o telespectador para a prática e divulgação do bem, ou melhor, da cultura de Paz? O autor do livro “Educação pela Paz”, conceitua a cultura de Paz como aquela que evoca a não-violência nas relações interpessoais e relação do homem consigo mesmo, com o outro e com meio ambiente, é aquela que determina a resolução de um conflito, usando uma motivação pacifista para resolver o impasse existente (Clóvis Nunes, 2006).



Os sistemas educacionais laicos foram desenvolvidos numa época em que as instituições religiosas mantinham muita influência sobre a sociedade. Devido a essa predominância do poder religioso sobre as massas, os valores humanos, éticos e morais eram, e ainda são, geralmente considerados como pertencentes à esfera religiosa. [...] Isso até teve uma funcionalidade razoavelmente positiva, até o momento em que a influência da religião começou a entrar em declínio. (ibidem, p. 91-92)

Clóvis Nunes afirma que, um meio de ajudar a construir a Cultura de Paz na sociedade é através de uma educação efetiva pela Paz. E, neste artigo há uma proposta de fomentá-la, no sentido de educar, também através do jornalismo.

A educação se constitui num dos meios mais poderosos e eficazes para a construção de um mundo melhor e mais pacífico. E a educação através [da cultura de] pela Paz representa um passaporte para a cidadania mundial, levando os aprendizes da Paz a perceberem [...] que somos capazes de transformar a nossa civilização em uma civilização que tenha como valor básico o princípio da dignidade humana, no seu aspecto mais autêntico. (ibidem, p. 93)

Portanto, a construção e divulgação de uma cultura de Paz é promover as transformações necessárias e indispensáveis para que a cultura de Paz seja o princípio governante das relações humanas e sociais.

O ser humano é uma “entidade” que deu certo, saiu do primitivismo, em que não existiam normas sociais e hoje vive em uma sociedade civil e organizada. Mudou a realidade anterior e partiu em uma direção positiva, social e até solidária. Há senhores, jovens, homens, mulheres, ricos, pobres, negros, amarelos, orientais e pessoas de todas as diversidades produzindo em prol da paz social, ambiental e interior.

Portanto, é preciso tomar cuidado com as notícias veiculadas. O que pode ser entretenimento para milhares de pessoas, pode acabar com a imagem, a vida ou com a família de outrem, o que não pode acontecer no jornalismo, porque jornalismo, além de tudo, é responsabilidade.

Uma das propostas desse trabalho é refletir sobre a missão do jornalismo em promover o debate de idéias. E, para possibilitar isso, precisa lançar mão do racionalismo, uma vez que a emoção contida nas narrações sensacionalistas é inimiga da informação de qualidade. Ao entender, dessa forma, que os jornalistas e meios de comunicação são, além de espelhos da sociedade, agentes estruturadores da realidade.



Para o consenso de uma análise, foi buscado o primeiro filósofo grego a falar sobre ética que se tem conhecimento, Platão, através de sua “Alegoria da Caverna” e o “Código de Ética dos jornalistas brasileiros” que são os objetos de estudo deste trabalho.

2. As teorias jornalísticas

Esse trabalho foi escolhido para apresentar no Grupo de Pesquisa Teoria do Jornalismo do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, justamente porque ele se propõe a refletir criticamente a atual produção de notícias nos meios de comunicação de massa. Aqui são levantadas questões profissionais da ética, ao relacionar a ‘ética platônica’ com os conceitos teóricos da profissão.

A interlocução com a filosofia inicia, neste contexto, com os questionamentos, os quais queremos responder ao longo do trabalho, contudo, sem nenhuma intenção de concluir, mas ao contrário, com o objetivo de fomentar ainda mais novas possibilidades.

Por entender que os acadêmicos e profissionais participantes deste Grupo de Trabalho dominam perfeitamente as Teorias do Jornalismo, já tão amplamente analisadas e debatidas, essas são trazidas aqui com o intuito de serem pinceladas, como meio de contraponto tema central e objeto deste estudo.

Das teorias do jornalismo que se refletem neste trabalho, será iniciado com a abordagem da Teoria do Agendamento (Agenda-setting theory), formulada na década de 70 por Maxwell McCombs e Donald Shaw. Segundo essa teoria, a editoria de um veículo de comunicação determina a opinião pública ao destacar determinados temas e preterir, ofuscar e até ignorar tantos outros.

Na verdade seus autores se referiam ao agendamento não como uma teoria, mas como a função da mídia em dizer as pessoas em que pensar. Existem três níveis na função do agendamento, a Agenda Midiática (*Média Agenda*), que são as questões discutidas na mídia como um todo; a Agenda Pública ou da Sociedade Civil (*Public Agenda*), que são as questões pessoalmente relevantes para o público, e a Agenda de Políticas Públicas (*Policy Agenda*), questões que os gestores públicos consideram importantes.



Retornando à discussão inicial desse trabalho, o sensacionalismo, escândalo e violência destacada na mídia atual, enquadram-se no nível da ‘Agenda Midiática’ e a ‘Agenda Pública’ seria o nível defendido nesta proposta da Ética Platônica e o Jornalismo Brasileiro, na divulgação do bem e incentivo de boas ações também na comunidade.

Outra teoria com possibilidade de abordagem aqui é a do Espelho. Nela, o jornalista trabalha como se sua reportagem fosse uma fotografia, onde apenas reflete a realidade sem a subjetividade. Essa teoria, apesar de surgir como uma reação contra os excessos do chamado jornalismo sensacionalista, caiu por terra, não apenas pelo próprio conceito subjetivo da fotografia, mas também porque nem mesmo naqueles veículos onde esta é uma regra de conduta, há essa isenção, já que são apresentadas sempre as mesmas notícias de violência, corrupção, dentre outras modalidades, mudando apenas as personagens apresentadas.

A Teoria do *gatekeeper* faz uma analogia entre o jornalista e um “porteiro”, que abre e fecha a porta para as notícias. Assim, além de escolher as pautas que mais interessam, escolhe especialmente quais detalhes vai focar. Sem esquecer ainda de mencionar a poderosa função do editor, que escolhe abrir ou fechar o portão dos fatos a serem divulgados.

Quando se é visto insistentemente os variados tipos de escândalo da sociedade nos meios de comunicação, fica nítida a política editorial dos veículos, que estão a cada dia sem criatividade, buscando apenas a audiência através da miséria alheia.

Essa teoria do *gatekeeper*, que aparenta ser eminentemente psicológica, se esbarra na Teoria Organizacional, a qual diz que o jornalista obedece as normas e política editorial da empresa de comunicação e olvida seus impulsos quanto a escolha das notícias. Dentre essas teorias, bem é visto que a notícia veiculada é um recorte da versão dos fatos, dentro do contexto real deles mesmos.

Já que diante disto, pode-se inferir daí que os consumidores da notícia absorvem um ambiente composto pelas imagens aceitas como realidades, isso que dizer que a mídia tem um papel importante no fornecimento dessas imagens e na configuração deste pseudo-ambiente. O que só confirma a possibilidade de incentivar a propagação das



boas ações e, conseqüentemente, mudar também o comportamento das pessoas. É aqui que se inicia o próximo capítulo, onde será trazido um diálogo para demonstrar, em termos filosóficos, a necessidade urgente de mudança do foco atual das mídias.

3. Ética Platônica e Jornalismo Brasileiro

A ética é uma só, independentemente da crença, cultura ou profissão, é passiva a idéia de que a ética é uma só para todos. Em conformidade às particularidades das funções de cada profissão, necessário se fez a existência de um código que as regulamentassem. Assim acontece também com o Jornalismo.

A Federação Nacional dos Jornalistas, em 04 de agosto de 2007, aprovou o mais novo Código de Ética dos jornalistas brasileiros. O Código, que não mudou muito em relação ao anterior, fixa as normas a que subordinará a atuação do profissional nas suas relações com a comunidade, com as fontes de informação e com os jornalistas entre si. Ele trata do direito à informação, da conduta, da responsabilidade e das relações profissionais dos jornalistas, bem como da aplicação do referido Código.

Um dos itens que mais interessa a este artigo está no capítulo III, artigo 11, inciso II. É o capítulo que trata “Da responsabilidade profissional do jornalista”. O inciso orienta os jornalistas a não divulgarem informações “de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes”. É baseado nesse inciso que ligaremos o jornalismo à ética platônica.

Platão (428-348 a.C), através do discurso de Sócrates (470-399 a. C), traz em seu livro “*A República*”, aquela passagem que ficou conhecida como “A Alegoria da Caverna”. Nela, ele traz a idéia de que o homem pode se transformar, através de um processo, de um longo e lento período de ascensão da alma e amadurecimento espiritual, passando da visão habitual que tem das coisas, unidirecional, condicionada pelos preconceitos e hábitos que adquire ao longo da vida, até alcançar o conhecimento da realidade em seu sentido mais elevado e compreendê-la em sua totalidade (Platão, 2006).

Para Platão, conhecer o Bem é tornar-se virtuoso, é ser capaz de tomar decisões éticas. Segundo o filósofo, a obtenção do conhecimento do Bem se dá através de um longo e



lento processo de amadurecimento, como já foi dito anteriormente. Com base nessa idéia platônica, não será feito um estudo sobre o pensamento do autor, mas sim, será analisada, através de um paralelo entre a sua obra e o jornalismo contemporâneo, a necessidade da divulgação das boas ações praticadas no país e no mundo, para a interferência positiva nas ações do homem.

4. A “Alegoria da Caverna”

A Alegoria da Caverna nasceu em um diálogo entre Sócrates e Glauco, onde este solicitou que Sócrates explicasse o que é o “bem”. Após certa resistência de Sócrates, seguida pela insistência do interlocutor, aquele toma a palavra finalmente, encerrando seu discurso com o que ficou conhecido como a “Alegoria da Caverna”, que se inicia assim:

Sócrates: [...] Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que *permanecem no mesmo lugar e não vêem senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a iluminação chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas habilidades.*³ (Platão, 2006, p. 210)

Os homens citados nesta alegoria não podem mudar a posição por falta de possibilidade e opção. A iluminação que chega até eles é a da fogueira distante. Se comparados com as informações jornalísticas de hoje, os “homens da caverna” repetem-se na atualidade. Por falta de opção, o atual consumidor da notícia assimila as matérias, que se repetem indefinidamente, com a mudança apenas das personagens; a iluminação da fogueira, que ilude a visão, é a política editorial de cada veículo. É o impedimento de conhecer o “Bem”, pela constante massificação da violência, com a falsa luz da informação midiática.

E Sócrates continua a sua alegoria:

Sócrates: [...] E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais da que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

³ Grifos da autora.



Glauco: Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida? (idem, p.210)

Voltando essa alegoria à realidade atual, o que seriam a sombra e a impossibilidade de voltar a visão para o outro lado, senão a parcialidade à violência do jornalismo disseminado atualmente?

Sócrates: Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?

Glauco: É bem possível.

Sócrates: E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

Glauco: Sim, por Zeus!

Sócrates: Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.

Glauco: Assim terá de ser. (ibidem, p. 210 - 211)

O diálogo continua:

Sócrates: Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curadas da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, *a erguer os olhos para a luz, ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os abjetos de que antes via as sombras.* Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer *que não viu até então senão coisas vãs, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza?* Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que as objetos que lhe mostram agora?

Glauco: Muito mais verdadeiras.

Sócrates: E se o forçarem a *fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram?*

Glauco: Com toda a certeza.

Sócrates: E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? *E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?*

Glauco: Não o conseguirá, pelo menos de início. ⁴ (ibidem, p. 211)

O homem de que trata Sócrates, seria como aquele que estivesse tão habituado a ver violência, miséria e escândalos como notícias, que hoje resistiria à possibilidade das informações da *Cultura de Paz*. Antes via apenas o que era vão, irreal. Depois seria

⁴ Grifos da autora.



apresentada uma possibilidade de uma mudança e ver o verossímil. A insistência em achar que as “coisas que via outrora” são mais verdadeiras, é a descrença no ser humano, descrença em perceber que o ser humano está em constantes e positivas mudanças, sejam na cultura, ciência ou tecnologia. E Sócrates continua:

Sócrates: Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que durante o dia, o Sol e a sua luz.

Glauco: Sem dúvida.

Sócrates: Por fim, suponho eu, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

Glauco: Necessariamente.

Sócrates: Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros, na caverna.

Glauco: É evidente que chegará a essa conclusão.

Sócrates: Ora, lembrando-se da sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que aí foram seus companheiros de cativo, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

Glauco: Sim, com certeza, Sócrates. (ibidem, p. 211 - 212)

Aqui iniciaria a aceitação do Bem, a crença de que realmente o ser humano tem capacidade de produzi-lo. E os que enxergam isso começariam a lastimar pelos outros que só vêem a violência como solução. Aquele que chega a esse patamar, começa a alcançar e compreender uma realidade em seu sentido mais elevado.

Sócrates: Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar, não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?

Glauco: Por certo que sim.

Sócrates: E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?

Glauco: Sem nenhuma dúvida. . (ibidem, p. 212)

É como aquele que ao ler este artigo se divertirá, acreditando ser uma ilusão, uma utopia essa proposta, que é contraposta com a seguinte conclusão de Sócrates:

Sócrates: Agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar, ponto por ponto,

esta imagem ao que dissemos atrás e *comparar o mundo que nos cerca com a vida da prisão na caverna, e a luz da fogo que a ilumina com a força do Sol*. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objetos, se a *considerares como a ascensão da alma* para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha idéia, visto que também tu desejas conhecê-la. *Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta, no mundo inteligível, a idéia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de reto e belo; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberana da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida particular e na vida pública.*

Glauco: Concordo com a tua opinião, até onde posso compreendê-la.

Sócrates: Pois bem! Compartilha-a também neste ponto e não te admires se *aqueles que se elevaram a tais alturas desistem de se ocupar das coisas humanas e as suas almas aspiram sem cessar a instalar-se nas alturas*. Isto é muito natural, se a nossa alegoria for exata.

Glauco: Com efeito, é muito natural. ⁵ (ibidem, p. 212 - 213)

E, assim, este artigo é finalizado diante de sua própria justificação: aqueles que se ascendem e se elevam à compreensão do verdadeiro Bem, ou seja, no dizer de Sócrates, aqueles que se tornam virtuosos, que são capazes de tomar decisões éticas, não querem mais se ocupar de assuntos da falência dos homens, pois, de certo ela ainda exista, mas são minorias. Certamente essa massificação da falência dos homens na mídia acabará, no momento em que não tiver mais audiência e, conseqüentemente, veiculação. Assim, todos os homens se esforçarão por manterem as suas almas nas alturas, mudando, desta forma, o comportamento de quem é autor e consumidor da notícia.

Considerações finais

Há outras formas de estudos, outra linha de pensamento, não cabe aqui fechar esse tema, nem tão pouco dar como verdadeira a conclusão. Mas, diante do fato de que o consumidor da notícia é um ser social, exposto a diversas influências de inúmeros agentes, o jornalista deve saber conviver com as suas diversas fontes, para gerir as mensagens que produz e veicula tendo o cuidado de promover o bem comum.

Neste artigo, foi abordada uma possibilidade de solução para fomentação da *Cultura de Paz*. Uma nova forma de disseminar o Bem e educar os consumidores da notícia, através da ética, a produzi-lo.

⁵ Grifos da autora.



Vale aqui ressaltar uma hipótese: a fomentação, através dos meios de comunicação, de uma cultura prática e efetiva sobre a Paz, educaria o homem para o bem viver e acabaria, dessa forma, com a violência, como preconizaram Martin Luther King e Mahatma Ghandi? Adianto aqui que meu próximo trabalho dará continuidade a esse tema, buscando novas perguntas, respostas e prováveis soluções.

Sei que haverá aqueles que chamarão essa proposta de tendenciosa e parcial. Eu, particularmente, acredito que, se quisermos, podemos sim, fazer um jornalismo imparcial e objetivo. Digo “particularmente” porque não quero convencer ninguém, muito menos defender essa tese. Na verdade, esse é um tema tão explorado, que não cabe mais uma discussão e, se couber, será em outro trabalho.

Porém, como insistimos na parcialidade, esse projeto propõe que sejamos pelo menos definidos, para que as pessoas saibam, claramente, sem falsa isenção, o que elas consomem e falam.

Referências

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2006

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Ética de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007

NUNES, Clóvis S. **Educação Pela Paz**. São Paulo: EME, 4.^a edição, 2006

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: www.planalto.gov.br
Site da Presidência da República, Planalto Central. Acessado em 25/10/2007

BARTHES, R. **A Mensagem fotográfica**. In: LIMA, L. C. **Teoria da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000

SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.